

PORTUGUÊS

Texto para as questões 37 a 40.

AS COUSAS DO MUNDO

*Neste mundo é mais rico o que mais rapa;
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.*

*Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.*

*A flor baixa se inculca por tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa,
Mais isento se mostra o que mais chupa.*

*Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.*

(Gregório de Matos Guerra,
Seleção de Obras Poéticas)

37 e (teste defeituoso)

Fica claro, no poema acima, que a principal crítica do autor à sociedade de sua época é feita por meio da

- denúncia da proteção que o mundo de então dava àqueles que agiam de modo condenável, embora sob a capa das leis da Igreja.
- enumeração de certos tipos que, por seus comportamentos, revelam um roteiro que identifica e recomenda a ascensão social.
- elaboração de uma lista de atitudes que deviam ser evitadas, por não condizerem com as práticas morais encontradas na alta sociedade.
- comparação de valores e comportamentos da faixa mais humilde daquela sociedade com os da faixa mais nobre e aristocrática.
- caracterização de comportamentos que, embora sejam moralmente condenáveis, são dissimulados em seus opostos.

Resolução

A única alternativa que, de forma geral, é aplicável ao soneto de Gregório de Matos é a **e**. Não obstante, trata-se de uma alternativa bastante defeituosa, já que nem sempre os comportamentos descritos no poema "são dissimulados em seus opostos". Se isso ocorre nos comportamentos considerados nos versos 2, 4(?), 5, 9 e 11, o mesmo não se dá nos versos 1, 3, 6, 7, 8 e 10.

38 sem resposta (gabarito oficial: a)

A alternativa que melhor exprime as características da poesia de Gregório de Matos, encontradas no poema transcrito, é a que destaca a presença de

- a) inversões da sintaxe corrente, como em " *Com sua língua, ao nobre o vil decepa*" e " *Quem menos falar pode*".
- b) conflito entre os universos do profano e do sagrado, como se vê na oposição " *Quem dinheiro tiver*" e " *pode ser Papa*".
- c) metáforas raras e desusadas, como no verso experimental " *a Musa topa / Em apa, epa, ipa, opa, upa*".
- d) contraste entre os pólos de antíteses violentas, como " *língua*" X " *decepa*" e " *menos falar*" X " *mais increpa*".
- e) imagens que exploram os elementos mais efêmeros e diáfanos da natureza, como " *flor*" e " *tulipa*".

Resolução

Não é possível aceitar nenhuma das alternativas propostas como caracterização da poesia de Gregório de Matos, nem em geral, nem ao que respeita ao poema apresentado. Senão, vejamos:

- a) " *inversões da sintaxe corrente*" são comuns na poesia da era dita clássica, que se estende do século XVI ao XVIII. Mesmo no século XIX não é raro encontrarem-se hipérbatos na poesia. Portanto, tal traço lingüístico não é, de forma alguma, característico do autor ou do poema em questão;
- b) no verso transcrito – " *Quem dinheiro tiver, pode ser Papa*" – nem há, a rigor, " *conflito entre os universos do profano e do sagrado*", nem se trata de oposição entre os dois sintagmas que compõem a frase, como se postula nesta alternativa. O sentido da frase não implica a contraposição profano x sagrado, pois se trata apenas de um exemplo da força do dinheiro. O mesmo sentido estaria presente se a frase fosse " *Quem dinheiro tiver pode ser rei*";
- c) alternativa absurda, pois os exemplos apresentados não constituem metáforas, mas sim um paradigma de rimas;
- d) embora antíteses ocorram abundantemente, tanto no Barroco em geral, quanto na poesia de Gregório de Matos (inclusive no poema apresentado), esta alternativa não é aceitável, pois " *língua x decepa*" não é um exemplo de antítese;
- e) embora ocorram, em alguns poemas de Gregório de Matos (notadamente nos do *carpe diem*), metáforas que se utilizam de elementos efêmeros (mas não diáfanos) da natureza, o mesmo não ocorre neste poema, no qual as imagens de " *flor*" e " *tulipa*" têm outros sentidos: " *flor baixa*" = coisa de pouco valor x " *tulipa*" = coisa rara e preciosa.

39 C

Em " *Para a tropa do trapo vazo a tripa*", pode-se constatar que o poeta teve grande cuidado com a seleção e disposição das palavras que compõem a sonoridade do verso, para salientar certos fonemas que se repetem (principalmente os " *pês*" e os " *tês*"), utilizando,

ao mesmo tempo, palavras que se diferenciam por mudanças fonéticas mínimas (*tropa/trapo/tripa*).

Os recursos estilísticos empregados aí foram

- a) personificação e alusão.
- b) paralelismo e comparação.
- c) aliteração e paronomásia.
- d) assonância e preterição.
- e) metáfora e metonímia.

Resolução

No verso "Para a tropa do trapo vazo a tripa", existe repetição dos fonemas consonantais /p/, /t/ e /t/. Esse procedimento chama-se aliteração.

Os vocábulos tropa/trapo/tripa apresentam semelhança de sons e diferença de sentido, constituindo, portanto, paronomásia.

40 b

Devido quer aos hábitos lingüísticos quer às preferências literárias de sua época, o autor vale-se de algumas palavras e expressões que poderiam ser "traduzidas" para uma forma contemporânea e mais corrente. Assinale a alternativa em que aparece o equivalente de sentido adequado ao contexto:

- a) "*[...] ao nobre o vil decepa*" = o nobre corta o mal pela raiz.
- b) "*[...] é mais rico o que mais rapa*" = é tanto mais rico aquele que rouba mais.
- c) "*Quem mais limpo se faz, tem mais carepa*" = quem mais se limpa, mais perde cabelos.
- d) "*O velhaco maior sempre tem capa*" = idosos têm mais necessidade de agasalho.
- e) "*A flor baixa se inculca por tulipa*" = a flor rasteira teima em crescer mais alto.

Resolução

Rapar, no sentido de "roubar", devia ser corrente na linguagem coloquial da época.

Textos I e II, para as questões de 41 a 44.

TEXTO I

Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:

— *Viu alguma coisa, pau?*

— *Via a graça dela!*

— *Quá! quá! quá quaquá!...*

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encaçada na praia. Toda nua inda do banho comia tambius vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com

risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarezinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuzeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.
O herói sem nenhum caráter)

TEXTO II

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos depարrou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos ai chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos

da urbs é versado.

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.
O herói sem nenhum caráter)

41 a

A leitura do *Texto I* torna possível afirmar que essa passagem

- caracteriza-se como descrição de ações, enfocando o encontro amoroso de um moço e uma criada, ressaltando a sensualidade de seu comportamento (" *Eles já tinham brincado*").
- narra a exuberância da fauna e da flora brasileiras (" *Tirava os lambarizinhos da lagoa*" e " *A crilada das ondas*"), afirmando antropofagicamente os valores nacionais.
- deve ser entendida de uma perspectiva psicanalítica, muito utilizada por Mário de Andrade, fazendo entrever na água da igarité um símbolo da sexualidade da cena descrita.
- explora oposições amorosas, em que gentilezas são retribuídas com grosserias (" *Ele [...] tirava os lambarizinhos [...] pra ela comer*" e " *A moça batia com os pés n'água [...] cegando o rapaz*").
- insinua a futilidade das necessidades humanas mais elementares, tais como procriar, comer e repousar, resgatando influências do realismo-naturalismo, que precedeu o modernismo.

Resolução

Não obstante a expressão imprópria – "descrição de ações", realmente o fulcro do excerto transcrito é o encontro amoroso do protagonista, revestido da sensualidade que é peculiar ao seu comportamento.

Ações são habitualmente narradas. Não se entende o que pretende o examinador com "descrição de ações". Seja o que for, não compromete a eleição desta alternativa como a única que não labora em erros grosseiros, como as demais.

42 c

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da linguagem, extraída do *Texto I*, em seu correspondente na modalidade culta.

- " *Pois deixai ela virar*" / " *Pois deixa-a virar*".
- " *Ele deitara de bruços na água*" / " *Ele tinha deitado de bruços na água*".
- " *Depois dela passar*" / " *Depois de ela passar*".
- " *ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso*" / " *ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso*".
- " *la escorregando e afinal a canoa virou*" / " *la escorregando e até que enfim a canoa virou*".

Resolução

*Embora seja considerado condenável o preposicionamento do sujeito de verbo no infinitivo (" *depois dela passar*"), tal construção é corrente em Portugal e aparece na obra de grandes escritores, como, por exem-*

plo, Cesário Verde ("Por causa dum jornal me rejeitar...", no poema "Contrariedades").

43 a

A "Carta pras Icamíabas" (*Texto II*) contrasta, pelo estilo, com os demais capítulos de *Macunaíma*. Com base no excerto, afirma-se que a carta escrita pelo herói a suas súditas, no contexto do romance,

- I. parodia o estilo parnasiano, o que se constata pela escolha de vocabulário preciosista, pelo tratamento em 2ª pessoa do plural e pelo emprego da ordem indireta na frase.
- II. ironiza o artificialismo parnasiano, cuja poesia desprezava soluções coloquiais, próprias da língua falada.
- III. expressa, pela ironia, a tese modernista da incorporação de contribuições do linguajar do imigrante, integrado à população nacional.
- IV. representa o antimodernismo, pois traz soluções de linguagem e de estilo que o Modernismo negou, em nome da nacionalização da língua literária.

São corretas as afirmações

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| a) I, II, III e IV. | b) I e IV apenas. |
| c) I, II e III apenas. | d) II e IV apenas. |
| e) II, III e IV apenas. | |

Resolução

Todas as afirmações apresentadas são verdadeiras em relação ao capítulo de Macunaíma intitulado "Cartas pras Icamíabas". Trata-se, de fato, de texto irônico, paródico em relação ao Parnasianismo e às demais tendências conservadoras e "puristas" da literatura brasileira de fins do século XIX e início do XX.

44 d

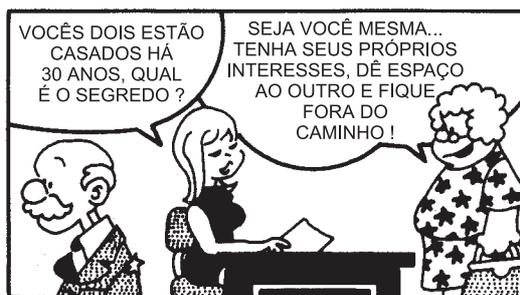
As palavras "epístola", "terráquea" e "etnologia", extraídas do *Texto II*, associam-se pelo sentido, respectivamente, a

- a) arma, terra e humanidade.
- b) carta, terra e civilização.
- c) instrumento, planeta e raça.
- d) carta, Terra e povo.
- e) escrita, planeta e raça.

Resolução

Epístola é sinônimo de carta; terráquea designa pessoa ou coisa (no caso, cidade) do planeta Terra; etnologia é o estudo de povos e suas culturas.

As questões 45 e 46 baseiam-se nos quadrinhos a seguir.



45 e

Considere as seguintes interpretações dos quadrinhos.

- I. Há coerência entre as perguntas formuladas e as respostas dadas.
- II. A pergunta contida no segundo quadrinho é respondida de maneira vaga e incompleta; para ser compreensível, a resposta deveria ser "Casei-me por companheirismo".
- III. As duas respostas dadas contêm apreciação depreciativa dos valores associados ao casamento.
- IV. O significado de "companheirismo" contradiz os princípios expostos pela mesma personagem, no primeiro quadrinho.
- V. O efeito de humor dos quadrinhos nasce da exploração da incoerência de sentido das manifestações da personagem que responde às perguntas que lhe são dirigidas.

Dentre essas afirmações, estão corretas apenas

- a) II, III e IV. b) II, III e V. c) I, II, IV e V.
 d) I, II e IV. e) I, IV e V.

Resolução

Atendo-nos às interpretações improcedentes: em II, a resposta da personagem é clara e explícita: a velha senhora tem como segredo da longevidade do casamento o exacerbado individualismo dos cônjuges; em III, não há depreciação dos valores matrimoniais nas respostas; há o efeito humorístico que decorre da contradição entre a intenção que levou ao casamento ("companheirismo") e o "segredo" da paz conjugal (o individualismo contido nos preceitos "seja você mesma... tenha seus próprios interesses").

Assinale a alternativa em que o diálogo do primeiro quadrinho tem expressão adequada em discurso indireto, dando seqüência à frase abaixo.

Indagada sobre o segredo de um casamento duradouro, a velha senhora respondeu à jovem secretária

- a) isso: fosse você mesma, tivesse seus próprios interesses, desse espaço ao outro e ficando fora do caminho.
- b) o seguinte: seja você mesma, tivesse seus próprios interesses, desse espaço ao outro e fique fora do caminho.
- c) que fosse ela mesma, tivesse seus próprios interesses, desse espaço ao outro e ficasse fora do caminho.
- d) que: seja você mesma, tenha seus próprios interesses, dê espaço ao outro e fique fora do caminho.
- e) que fora ela mesma, tenha seus próprios interesses, desse espaço ao outro e ficasse fora do caminho.

Resolução

O verbo da oração principal respondeu encontra-se no pretérito perfeito do indicativo. Devido a isso, os verbos das orações subordinadas passam a ser empregados no pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse, tivesse, desse, ficasse).

Além dessa correlação verbal, ocorre também a mudança do pronome você (empregado como referência ao interlocutor) para o pronome ela (usado para referir-se à pessoa de quem se fala).

Texto para as questões 47 e 48.

Ler ou não ler, eis a questão

Não existe estudo científico que comprove, mas há uma percepção disseminada sobre a geração atual: ela não gosta de ler. A constatação parte dos professores. Eles se queixam de que só com muito esforço conseguem obrigar seus alunos a ler os clássicos da literatura. Um dos argumentos mais utilizados é recorrer à ameaça do vestibular. Os pais endossam a percepção de repulsa dos jovens pelos livros. Reclamam freqüentemente que os filhos padecem de falta de concentração e, por isso, não são capazes de ler as obras básicas para entender a matéria.

Por que isso acontece? O que faz com que uma geração leia e outra fuja dos livros? Há diversas explicações, mas todas acabam convergindo para um mesmo ponto.

Quando as pessoas recebem a informação mastigada – na televisão, nos gibis, na internet – , acabam tendo preguiça de ler, um ato que exige esforço e reflexão. Os canais pelos quais o jovem se informa nos dias de hoje são múltiplos. O livro é apenas um deles. E é o mais trabalhoso. Diante desse quadro, os

educadores são unânimes num ponto: as armas de estímulo à leitura precisam ser modernizadas.

(Vivian Whiteman, *Veja Jovens setembro*, 2001, p. 52-3)

47 b

Assinale a alternativa em que a nova redação das frases abaixo está de acordo com a norma culta.

" Não existe estudo científico" (1º parágrafo) / " Há diversas explicações" (2º parágrafo).

- a) Não devem haver estudos científicos / pode existir diversas explicações.
- b) Não devem existir estudos científicos / pode haver diversas explicações.
- c) Não existem estudos científicos / podem haver diversas explicações.
- d) Não há estudos científicos / existe diversas explicações.
- e) Não pode existir estudos científicos / deve haver diversas explicações.

Resolução

A locução verbal devem existir concorda com o sujeito estudos científicos. O verbo haver, na locução verbal pode haver, é impessoal, isto é, só é empregado na 3ª pessoa do singular.

48 d

O principal argumento usado para justificar a pouca afinidade do jovem com a leitura de livros está contido na idéia de que

- a) o vestibular é uma ameaça aos jovens.
- b) os jovens são desconcentrados.
- c) o jovem pertence a uma geração que foge dos livros.
- d) há meios mais facilitados de obter informações.
- e) a escola não consegue obrigar os alunos a ler.

Resolução

Segundo o texto, todas explicações a falta de prazer do jovem na leitura convergem para "a informação mastigada – na televisão, nos gibis, na internet –", menos trabalhosa que a obtida nos livros.

REDAÇÃO

Com base na leitura do texto-estímulo reproduzido abaixo, redija um texto dissertativo-argumentativo que discuta o tema:

Como lidar com o excesso de informação.

Defenda uma opinião, amparada na organização e na relação de fatos e argumentos que a sustentem logicamente.

Lembretes:

OBJETIVO

FATEC (2º Dia) Dezembro/2001

1. Empregue a norma culta da língua escrita;
2. Não copie orações, frases e períodos do texto-estímulo;
3. Você pode, entretanto, incorporar algum fato ali mencionado;
4. Se desejar, dê a seu texto o título que julgar conveniente.

Texto-Estímulo:

O eterno sentimento humano de ansiedade diante do desconhecido começa a tomar uma forma óbvia nestes tempos em que a informação vale mais que qualquer outra coisa. As pessoas hoje parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo o que é produzido para aplacar a sede da humanidade por mais conhecimento. Alguns exemplos dessa síndrome:

- Uma edição de um jornal como o New York Times contém mais informação do que uma pessoa comum poderia receber durante toda a vida na Inglaterra do século XVII.
- Todos os anos é produzido 1,5 bilhão de gigabytes em informação impressa, filme ou arquivos magnéticos. Isso dá uma média de 250 megabytes de informação para cada homem, mulher e criança do planeta. Seriam necessários dez computadores pessoais para cada pessoa guardar apenas a parte que lhe caberia desse arsenal de conteúdo.
- Atualmente existem mais de 2 bilhões de páginas disponíveis na internet. Até o fim do ano esse número estará beirando os 3 bilhões.
- Até o início dos anos 90, a televisão brasileira tinha menos de dez canais. Hoje há mais de 100 emissoras no ar, em diversas línguas, com especialidades diferentes.
- Os americanos compram uma quantidade superior a 1 bilhão de livros por ano. Mais de 43% dos americanos que declaram ser consumidores vorazes de literatura lêem cinco deles por ano. De acordo com a mesma pesquisa, 7% dos compradores dizem ler mais de cinquenta livros por ano.

Por trás desses elementos, há um fenômeno mais geral. Países, empresas, escolas, famílias estão se rearticulando em outros modelos numa velocidade nunca vista. Mudar é um inferno para a maioria das pessoas. Mais infernal ainda é a sensação de que o mundo está girando a muitas rotações a mais do que nós mesmos. "O mal-estar de nosso tempo é a inadequação, o sentimento opressivo de que as outras pessoas estão fazendo as coisas certas, lendo os livros que contam e usando os computadores e programas mais modernos enquanto nós estamos ficando para trás na carreira ou nos relacionamentos", diz o americano Wayne Luke, autor de um livro que compara o ambiente de excesso de informação que existe hoje a uma "areia movediça". Luke observa que nas sociedades ocidentais as pessoas se sentem pisando um chão não muito firme, por não conseguir metabolizar a carga de informações disponível em livros, na imprensa

sa, na televisão e na internet. “ Quanto mais sabemos, menos seguros nos sentimos”, escreveu Luke. [...].

Como toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca. [...] O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres. Quem foi diagnosticado com a síndrome do excesso de informação tem dificuldade até para adormecer. O sono não vem, espantado por uma atitude de alerta anormal da pessoa que sofre. Ela simplesmente não quer dormir para não perder tempo e continuar consumindo informações. Os médicos ingleses descobriram que as pessoas com quadro agudo dessa síndrome são assoladas por um sentimento constante de obsolescência, a sensação de que estão se tornando inúteis, imprestáveis, ultrapassadas. A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim. [...].

O americano Richard Saul Wurman, autor dos livros *Ansiedade de Informação e Ansiedade de Informação*², [...] sugere que as pessoas encarem o mundo como um grande depósito de material de construção. E o que fazer com a matéria-prima? Ora, diz ele, seja um arquiteto de sua própria catedral de conhecimento. A arma para isso é a “ ignorância programada”, ou seja, a escolha criteriosa do que se quer absorver [...]. O resto deve ser deixado de lado, como o compositor que intercala pausas de silêncio entre as notas para que a música faça sentido aos ouvidos. “ A ansiedade de informação é o buraco negro que existe entre os dados disponíveis e o conhecimento. É preciso escapar dela”, observa Wurman. Ou, ao menos, não deixar que ela assuma proporções dolorosas para quem precisa ultrapassá-la no dia-a-dia.

(Cristiana Baptista. A dor de nunca saber o bastante. *Veja*: Comportamento, 5 de setembro de 2001.)

Comentário de Redação

*“ Como lidar com o excesso de informação”. Na “ era da informação”, não haveria tema mais apropriado para ser proposto como objeto de discussão. Como texto-estímulo à reflexão do candidato, a Banca transcreveu artigo da revista *Veja*, intitulado A dor de nunca saber o bastante.*

O candidato deveria selecionar dessa matéria as idéias e informações que julgasse relevantes. Por exemplo, para explicar o fenômeno do “ estresse da informação” caberia destacar não apenas a imensa quantidade de informação disponível, mas também a velocidade com que surgem novas informações: livros, jornais, revistas, filmes, propagandas de TV, internet, ao contrário de produzirem pessoas bem informadas, seriam responsáveis pela “ síndrome do excesso de informação”, caracterizada pela sensação de obsolescência e inutilidade.

Para minimizar os efeitos nocivos desse fenômeno, o candidato poderia sugerir, a exemplo do texto-estímulo, que cada cidadão “ seja um arquiteto de sua

própria catedral de conhecimento", escolhendo criteriosamente aquilo que seja de fato útil, impedindo, assim, que o excesso se equipare à falta.

